



Luana Frigulha Guisso  
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

# DIÁLOGOS

# INTERDISCIPLINARES 3

**Teoria e prática em educação,  
ciência e tecnologia**



DIÁLOGO  
EDITORIAL

Luana Frigulha Guisso e  
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

# **DIÁLOGOS**

## **INTERDISCIPLINARES 3:**

### **Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia**

1ª edição

Vitória  
Diálogo Comunicação e Marketing  
2022

Diálogos interdisciplinares 3: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia  
© 2022, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

*Projeto gráfico e editoração*  
Diálogo Comunicação e Marketing

*Capa e diagramação*  
Ilvan Filho

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D537      Diálogos interdisciplinares 3: teoria e prática em  
educação, ciência e tecnologia / organização Luana  
Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira. -  
  
Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -  
  
293 p. : il. foto. color. ; 24 cm.  
  
ISBN 978-85-92647-72-8  
DOI 10.29327/568578  
  
1. Educação. 2. Abordagem interdisciplinar do  
conhecimento. I. Guisso, Luana Frigulha. II. Oliveira, Ivana  
Esteves Passos de.

CDD – 370

*Conselho Editorial*

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

# Apresentação

O antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, refletiu em seu livro *Introdução ao Pensamento Complexo*, que a complexidade é inerente à ciência e que se presentifica na vida cotidiana. Em suas reflexões o pesquisador reitera que é no cotidiano que o indivíduo desvela suas identidades múltiplas, e ativa suas performances sociais, com o desempenho de diversos papéis na sociedade, delineando o modelo de intensa complexidade.

Em face a esse cenário, o existir e atuar no mundo mostra-se cada vez mais dialógico e múltiplo. A práxis humana permeia diversos saberes e se perfaz multidisciplinar. No Mestrado de Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC) a produção de discentes e docentes, em compartilhamento e interação, consubstancia a produção de mais um e-book, fruto da pesquisa e investigação dos cotidianos de aprendizagem, interlocução de professores e alunos no chão da escola, enfim, uma profusão de conexões, atravessadas pela tecnologia e a produção científica. O resultado é a terceira edição do e-book *Diálogos Interdisciplinares 3: teoria e prática em educação, ciência e tecnologia*.

A publicação abarca os três princípios fundamentais do pensamento complexo: a dialogia, a recursividade e o processo de tomar a parte pelo todo o todo pela parte, tal qual definiu o sociólogo. O pensar acadêmico abarcou questões desafiadoras do cotidiano educacional em um momento de enorme complexidade que foi o da pandemia pela Covid-19.

Dentre as temáticas elencadas estão: a formação continuada, as memórias do confinamento do coronavírus, um olhar sobre os direitos da pessoa com deficiência no Brasil, o PAEBES como instrumento educacional, a educação inclusiva – entre a teoria e a prática, o uso das tecnologias digitais no processo de aprendizagem, a aprendizagem na biblioteca escolar, o PAEBES TRI em Matemática, a pedagogia hospitalar, a aprendizagem em anos iniciais do ensino fundamental, os desafios da leitura na educação de jovens e adultos, a aprendizagem remota na era pandêmica, as ferramentas tecnológicas nos anos iniciais do ensino fundamental, a socialização da criança autista e a didática para o ensino do aluno autista.

*Diálogos Interdisciplinares*, em sua terceira edição, revela-se um diálogo multidisciplinar e transformador, na busca por transformação da educação, da ciência e da tecnologia, com esses três fatores imbricados. As intervenções e pro-

postas se dão em favor de um ensino renovado, no qual os educandos possam produzir sentido a partir do que lhes é ensinado.

Apresentar este e-book é algo que nos deixa muito felizes pois, podemos afirmar que são pesquisas atuais e que estão presentes no nosso cotidiano escolar. Trata-se de apresentar o percurso investigativo de alunos e seus orientadores, professores do Curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré.

É importante pontuar que algumas das pesquisas, aqui trazidas, estão sendo aplicadas em secretarias de educação, em formações continuadas e em reuniões de planejamento, com o objetivo de aprimorar, cada vez mais, o ambiente escolar. A diversidade de temas nos evidencia que o nosso mestrado está conectado às inquietações de nosso alunado, professores de chão de escola. Estamos formando educadores com um olhar visionário, para atuar em salas de aula e frente aos desafios escolares do século XXI.

***Dra. Luana Frigulha Guisso e  
Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira***

# Sumário

CAMINHOS PARA ELABORAÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE PRESIDENTE KENNEDY/ES .....	09
Bethânia Silva Bandeira e Luana Frigulha Guisso	
EDUCAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA – MEMÓRIAS DO CONFINAMENTO .....	25
Chirlene Wandermurem Louzada e Ivana Esteves Passos de Oliveira	
EDUCAÇÃO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: UM OLHAR SOBRE OS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL .....	44
Cristiani Jordão Gomes de Almeida e Sônia Maria da Costa Barreto	
UTILIZAÇÃO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES DO PROGRAMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESPÍRITO SANTO (PAEBES) COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL .....	58
Elaine da Penha Lima e Nilda da Silva Pereira	
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: COMO PODEMOS MELHORAR NOSSAS TEORIAS PARA MUDAR A PRÁTICA? .....	75
Elivania de Souza Benevides Neves e Alice Melo Pessotti	
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: VANTAGENS E BENEFÍCIOS DA RELAÇÃO ENTRE HOMEM-COMPUTADOR .....	94
Fernanda da Silva Gomes e Anilton Salles Garcia	
USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O CASO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GURIRI / SÃO MATEUS, ES .....	109
Flávia Manette Cardoso Stofele e Sebastião Pimentel Franco	

O PAEBES TRI EM MATEMÁTICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO EM CONCEIÇÃO DA BARRA/ES .....	129
Gerlian Bastos Livramento e Luana Frigulha Guisso	
A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA AO ESTUDANTE HOSPITALIZADO EM PRESIDENTE KENNEDY/ES .....	149
Giovani Correia Mendonça e Luciana Teles Moura Pirola	
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL .....	160
Graciema da Cruz Silva e Luciana Teles Moura Pirola	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS .....	182
Isabel Cristina Polonine e Sônia Maria da Costa Barreto	
PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NA APRENDIZAGEM REMOTA DURANTE A ERA PANDÊMICA .....	200
Jucerlane Baiense de Almeida e Anilton Salles Garcia	
A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I .....	218
Liciane de Souza Araújo Sedano e Angelo Gil Pezzino Rangel	
A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVA DO DOCENTE .....	233
Maria da Penha Machado Rocha e José Roberto Gonçalves de Abreu	
CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO ALUNO AUTISTA: DILEMAS, PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES .....	265
Rianne Freciano de Souza e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES .....	288



# USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O CASO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GURIRI / SÃO MATEUS, ES

*Flávia Manette Cardoso Stofele*  
*Sebastião Pimentel Franco*

## INTRODUÇÃO

A Biblioteca é a forma que a humanidade encontrou para divulgar e disseminar o conhecimento. É através desse serviço de informação podemos ter acesso a obras que, além de trazer conhecimento, também proporcionam entretenimento.

A invenção da escrita foi significativa na História da Humanidade em razão de que o conhecimento deixou de ser divulgado exclusivamente pela tradição oral e pudessem a partir de então, ser armazenado e disseminado. Também a necessidade de se divulgar, de forma expansiva, as informações, ideias, estudos, pesquisas, e textos de entretenimento de forma organizada e de fácil acesso para a população, deu origem a biblioteca.

Dessa forma, surgem as bibliotecas, que, segundo Seibert (2014, p. 15),

Tal situação exigiu o surgimento de uma instituição na qual esses estoques de informação pudessem ser organizados e amplificados através da disseminação e da discussão construída e realizada em seu interior. Diante disso, surgiu a biblioteca. Extremamente necessária para proporcionar o armazenamento, a distribuição e a circulação da memória coletiva e individual dos bens culturais, científicos e existenciais dos membros da sociedade em geral.

As bibliotecas surgiram desde a Antiguidade, entretanto, de acordo com Martins (2002), não eram franqueadas ao público em geral e serviam muito mais

como um local de armazenamento do acervo ali existente do que propriamente para que o público a ela tivesse acesso.

Dentre as bibliotecas da Antiguidade se destacam, a de Níneve na Assíria e a de Alexandria no Egito, a de Pérgamo na Ásia Menor, a de Pisístrato na Grécia. Em Roma, na Antiguidade, existiam dois tipos de bibliotecas, também chamadas “casas de sabedoria”. Roma apresentava um diferencial entre outras localidades, pois nesse período existiam as bibliotecas públicas e particulares (BATTLES, 2003).

As bibliotecas particulares eram formadas a partir das pilhagens provenientes das guerras de conquistas que o Império romano empreendeu. A primeira biblioteca pública embora tivesse sido um projeto do Imperador Júlio César, esta surgiu depois de sua morte, implementada por iniciativa de Asínio Pólio e o escritor Públio Terêncio Varrão, em 39 a.C. período em que o Imperador já tinha morrido. Esta biblioteca teria sido instalada no Fórum Romano (SANTOS, 2012).

No Brasil, a primeira biblioteca teria sido instalada no Rio de Janeiro em 1810, logo após a chegada da Família Real portuguesa, que fugindo da invasão promovida por Napoleão Bonaparte, quando invadiu Portugal, se deslocou para o Brasil com um grande contingente da nobreza portuguesa. Essa biblioteca, composta por 60 mil volumes, veio para o Brasil posteriormente a chegada da Família Real, instalada entre 1810 e 1811, numa sala do Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo, por meio de um decreto datado de 28 de outubro de 1810. Conforme Azevedo (2012), embora D. João VI tivesse criado essa Biblioteca em 1810, somente em 1811 teríamos a primeira biblioteca pública no Brasil, criada em Salvador na Bahia.

No Espírito Santo, temos uma das bibliotecas mais antigas do Brasil: a Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo (BPES), criada em 1855 com mais de 400 volumes, doados por Brás Costa Rubim (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO SECRETARIA DE CULTURA – SECULT).

A Biblioteca Pública é uma das instituições culturais mais presentes nos municípios brasileiros, porém apenas 10% da população as frequenta e apenas 34% conhecem a biblioteca pública do seu município. Observamos a necessidade

de atrair os usuários para a biblioteca e de desenvolver o incentivo à leitura no seu espaço interno e projetos culturais que incentivem a leitura no espaço externo.

Valio (2003), afirma que a biblioteca pública tem como missão a instrução e a educação constante para o povo. Cabe ao poder público criar e executar projetos de acesso às bibliotecas, incentivar a leitura e fortalecer a disseminação cultural.

O município de São Mateus/ES possui apenas uma Biblioteca Pública, inaugurada em 20 de julho de 1944, Possui um acervo de mais de 20 mil obras nas áreas de literatura nacional infantil, Direito, Sociologia, Geografia, Matemática, História e Artes, entre outras, além de desenvolver projetos para incentivo à leitura.

Spanholz (1984) ressalta que as bibliotecas públicas são a primeira oportunidade concreta de acesso aos bens culturais e científicos produzidos pela coletividade, sendo de competência delas a responsabilidade da difusão e da intermediação do conhecimento nelas depositado. Assim, é necessário investimento, na atualização permanente e na manutenção desse espaço.

A Biblioteca Escolar (BE) tem como função incrementar e estimular o hábito da leitura e de aprimorar a forma de realizar pesquisa escolar científica. É primordial que esse espaço seja de livre acesso para os alunos e que promova ações que atraiam os seus usuários para o uso frequente e que contribua de forma significativa para o ensino aprendizagem. A preocupação diante do papel da BE no processo de ensino aprendizagem é apontada por Lourenço Filho (1946, apud CAMPELLO, 2003, p. 1):

Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas ideias, felizmente, a vigorar entre nós.

O tripé que dá embasamento à defesa da BE, delimitado por Campello (2003), é a Leitura, a Pesquisa Escolar e a Ação Cultural, definindo a BE como espaço de ação pedagógica na escola. A autora descreve em seus trabalhos que:

[...] a leitura dentro do contexto escolar, principalmente no espaço da Biblioteca Escolar, não deve ser apenas uma atividade obrigatória de cunho apenas de aprendizagem, mas sim um momento de prazer, no qual o educando interaja com esse espaço de forma prazerosa. Biblioteca seria então o local onde com frequência os alunos se dirigem para complementar o que estudam em sala de aula, nesse ambiente eles estudariam temas propostos pelos professores e selecionados por eles próprios, ocorrendo aqui no caso, um trabalho totalmente pessoal.

Para a mesma autora, a biblioteca seria, portanto, o elo entre o professor e o aluno, quanto à elaboração e apresentação dos estudos realizados.

## **A BIBLIOTECA E SISTEMA DE INFORMAÇÃO: DISCUSSÃO TEÓRICA**

O surgimento da biblioteca se deu devido a necessidade das pessoas em passar a diante as ideias que antes ficavam guardadas. Era necessário que houvesse um espaço para a divulgação, disseminação e organização dessas informações. O sistema de informação na biblioteca tem como objetivo manipular, armazenar, filtrar e gerar informação de forma eficaz e rápida.

Para Gasque (2012), a biblioteca é um espaço no qual há a interação e o dinamismo com as produções intelectuais, tendo como objetivo a criação de novos conhecimentos.

## **HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS**

No decorrer da História muitas bibliotecas públicas surgiram e desapareceram. Acervos que eram recuperados, daquelas que fecharam ou foram destruídas, eram distribuídos entre outras bibliotecas públicas.

A história da biblioteca é mais antiga que o surgimento dos livros. Segundo Martins (2001), as bibliotecas eram os antigos depósitos de informações contidas em tabletes de argila, placas feitas de marfim ou madeira, denominadas como códice, papiros e pergaminhos.

Abad (2006), afirma que foi na Grécia, no período Arcaico que teriam surgido as bibliotecas públicas. Porém, essas bibliotecas públicas eram desorganizadas e não tinham função educacional ou informativa e seus acervos variavam conforme o gosto dos detentores do poder. Já Milanesi (1989), cita que havia muitas bibliotecas públicas em Roma, em torno de 370, no ano de 47 a.C.

A mais famosa biblioteca da Antiguidade estava localizada em Alexandria. Criada por Ptolomeu, no século III a. C., formada por dois edifícios, nos quais foram colocadas estantes com nichos para organizar os papiros, salas de leitura, investigação, um horto, zoológico, observatório astronômico e sala de dissecações (MARTINS, 2001).

Figura 1 - Parte anterior da biblioteca de Alexandria



Fonte: Wikipédia, acesso em: 12/2020.

Chassot (2002) relata que, para manter as coleções da biblioteca de Alexandria os faraós Ptolomeus ordenavam que os livros que fossem encontrados com viajantes, principalmente os que chegavam de navio, deveriam ser levados à biblioteca para que fossem feitas cópias dos mesmos, o livro original ficava em poder da biblioteca, o nome do proprietário original era inscrito num registro, e a cópia era entregue ao proprietário.

A Biblioteca de Alexandria não era uma biblioteca pública, era uma biblioteca real, com mais de 700 mil manuscritos, sendo a maioria obras únicas da Antiguidade.

Os livros sagrados dos hebreus foram traduzidos na biblioteca, este foi um dos marcos mais importantes da história da humanidade, pois “[...] permitiu a propagação do judaísmo entre os gentios e o estabelecimento do cristianismo” (MARTINS, 2001, p. 75).

Em decorrência das guerras, da negligência e do receio dos detentores do poder, a biblioteca de Alexandria foi destruída, em 646 da Era Cristã (CHASSOT, 2002).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), juntamente com o governo do Egito, em 1998, reconstruíram a Biblioteca de Alexandria, com 85 mil m<sup>2</sup> e capacidade para mais de 8 milhões de exemplares. Goulemot (2011) considera a biblioteca de Alexandria a primeira biblioteca pública criada.

Até o período da Renascença não houve muitas transformações nas bibliotecas, as mesmas continuavam sendo administradas por religiosos. Só a partir do século XVI começaram as transformações. As bibliotecas tornaram-se públicas, laicas e abertas à comunidade, levando, assim, informação para diversas camadas da sociedade. Assim as bibliotecas foram perdendo as características religiosas, tornando-se uma instituição ao alcance de todos, como cita Martins (2001, p. 323):

[...] a se transformar num instrumento de trabalho posto ao alcance de todas as mãos; assim como toda a vida social submete-se cada vez mais a ‘documentos’ e não a ‘dogmas’, a ‘contratos’ e não a ‘mandamentos’, a ‘crítica’ e não a ‘revelações’ [...].

## METODOLOGIA

A escolha por uma pesquisa de natureza qualitativa também pode ser explicada ainda, por entender que esse tipo de pesquisa possibilita “[...] em maior nível de profundidade, o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos” (RICHARDSON, 1985, p. 39).

Embora nossa opção tenha sido por uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizamos dados quantitativos, esses dados quantitativos, nos ajudou a realizar as análises qualitativas. Nesse sentido concordamos como Soares (1992, p. 122), que

afirma que dados sejam eles de ordem quantitativos e qualitativos podem coexistir, “[...] estes não se repelem, não se contradizem”.

Para Figueiredo (1994), a pesquisa qualitativa é a forma apresentar os dados não quantificava, através de coleta de materiais poucos estruturados e narrativos e que requerem o envolvimento máximo do pesquisador. Para Barbeta (1998), este tipo de pesquisa que nós optamos, nos permite descrever características de determinada população, analisando, correlacionando, registrando fenômenos ou fatos sem manipulá-los.

Inicialmente, realizamos ainda um estudo exploratório. Esse estudo teve por finalidade formular questões que nos levassem a hipóteses, contribuindo para o conhecimento do pesquisador do ambiente, fenômeno ou fato estudado, abrindo precedentes para pesquisas futuras, que podem ser modificadas (MARCONI; LAKATOS, 1990).

Dessa forma buscamos por meio da documentação da escola (registro de frequência dos alunos/usuários a BE), para verificar como tem sido nos últimos tempos essa presença a este setor.

Os dados foram coletados através de entrevista aplicada aos alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guriri (EMEF – Guriri), com a finalidade de verificar como estes utilizam a BE. Utilizamos um total de 15 perguntas, sendo 11 fechadas e quatro abertas. Após a aplicação das entrevistas com os alunos, foi efetuada a tabulação, com a finalidade de serem esses dados submetidos à interpretação e análise.

Para a concretização da pesquisa, nos apoiamos inicialmente na bibliografia sobre o tema Biblioteca. Como nossa fonte de pesquisa são os alunos/usuários, da BE da Escolar, alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guriri (EMEF – Guriri). Realizamos uma pesquisa de campo e entrevista com 28 alunos com a finalidade de ter uma visão mais objetiva sobre a influência do espaço da BE para a formação daqueles que a utilizam.

Para a escolha dos alunos levamos em consideração o maior número de

vezes que estes tiveram presentes na BE, no caso, essa informação nos foi repassada pela escola.

Utilizamos como instrumento metodológico da pesquisa a análise documental da Biblioteca (registro de usuário) e entrevistas, onde por meio destes instrumentos a fim de atingir uma descrição pormenorizada do fenômeno investigado, para que possamos realizar uma descrição mais pormenorizada do que visualizamos.

No caso das entrevistas, nossa opção será pelo tipo semiestruturada, por entendermos assim como Trivinos (1987), que esse tipo de entrevista nos proporcionou uma maior riqueza de coleta dos dados, pois, não podemos perder de vista que foi nossa intenção ouvir a partir da fala dos nossos entrevistados. Partindo de questões abertas e questões fechadas. Em relação as questões abertas, será nossa intenção, seguirmos um roteiro, mas outras perguntas poderão advir a partir da fala dos nossos entrevistados. A ideia tal como apontam Ludke e André (1986, p. 34), é podermos realizar uma relação interativa entre nós entrevistadores e os alunos, os entrevistados.

[...] o entrevistado discorre sobre o tema proposto, com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Como apontam os estudiosos da temática, as entrevistas semiestruturada nos permite uma retroalimentação, uma vez que iremos sempre explorar a partir das falas dos nossos entrevistados, que são os detentores do conhecimento sobre o tema que iremos pesquisar, dessa forma, no nosso entender será possível obtermos maiores informações, mais detalhes sobre o que estamos pesquisando, ou como diz Richardson (1985, p. 161) “[...] saber o que, como e porque algo ocorre, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências”.

Antes de iniciarmos as entrevistas propriamente ditas informamos aos entrevistados o propósito da pesquisa, sua importância e a possibilidade de serem grava-



das. Após a seleção dos entrevistados, de acordo com a listagem de usuários da BE, as entrevistas foram marcadas por meio de Plataforma Digital, com horário e local definidos pelos entrevistados, cujo endereço eletrônico nos foi oferecido pela escola.

Entrevistamos quatro alunos por dia individualmente. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para que depois realizar a categorização.

Concluídas as entrevistas transcrevemos as gravações, estas no entanto, não foram realizadas na sua totalidade, no caso é nossa intenção, desprezarmos a transcrição das falas na sua totalidade, transcrevemos as que foram pertinentes aos temas abordados.

## **DISCUSSÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Benedicto Caulty Figueredo”, conhecida como EMEF Guriri, situa-se na Rua Nova Venécia, 1203, Guriri, São Mateus/ES. Fundada em 1981, através do Decreto da Prefeitura Municipal de São Mateus Nº 466/81. Na ocasião, funcionava com o nome de Escola Unidocente “Guriri” e tinha aproximadamente 50 alunos. Através do Decreto 822/92, a unidade educacional passou-se a chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental “Guriri”. Em 2017, recebeu o nome de EMEF “Benedicto Caulty Figueredo”. Hoje, atende alunos entre dez a 18 anos, do Ensino Fundamental II, da comunidade local, sendo a sua maioria de classe econômica baixa. Como está situada próxima ao centro da Ilha, recebe alunos de comunidades próximas, como o Bosque da Praia e Bairro Bom Jesus.

Em 2002, devido às condições físicas da escola para atender mais de 1000 alunos, foi dividida em duas unidades. Todos os alunos de 1ª a 4ª série foram transferidos para a EMEF “Ouro Negro”. A escola passou a atender os alunos de 6º ao 9º ano nas modalidades: Regular Programa de Correção do Fluxo Escolar (Prefes) e Suplência Fase I e Fase II.

O método pedagógico, adotado pela escola até 2001, era uma pedagogia centrada na visão mecanicista. A Educação Mecanicista vê a educação como

uma forma de transmitir conhecimento, sendo o professor o detentor deste e o aluno apenas o receptor. A partir do ano de 2001, o município implementou em todas as escolas municipais de São Mateus, incluindo a EMEF “Guriri”, o Programa Escola Campeã que teve como objetivo garantir o sucesso do aluno por meio de uma educação de qualidade. No ano de 2002, O Programa Escola Campeã, através de capacitação oferecida aos diretores do município, permitiu à escola fazer um diagnóstico de sua realidade. De tal modo, foi possível traçar de forma coletiva a Visão, Missão, Valores e Objetivos almejados pela Unidade Educacional.

Educadores passaram a refletir sobre questões referentes ao processo de ensino/aprendizagem, currículo e avaliação. Esse documento tornou-se, a partir de 2005, a identidade pedagógica, adotado por todos os membros da comunidade escolar. A partir de 2009, o cargo de diretor voltou a ser por indicação, sendo requisito para preenchimento do cargo formação e experiência na área de docência.

Hoje, a EMEF Guriri conta com 48 funcionários para atender 525 alunos no módulo do Ensino Fundamental II, nos horários matutino e vespertino.

Figura 1 - Acervo da BE EMEF Guriri



Figura 2 - Acervo da BE EMEF Guriri



*Fonte: Arquivo da EMEF Guriri*

Não há um profissional habilitado para atender os alunos na BE, este serviço é realizado por uma professora remanejada. A diretora da escola informou que esta prática é comum em escolas do Município. E esta professora apenas atende aos pedidos dos professores ou dos alunos. Não é realizado nenhum projeto dentro do espaço da biblioteca, apenas visitas agendas pelos professores.

Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem; de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação (IFLA, 2000, p. 2).

Sabemos que ter um profissional propriamente habilitado dentro da BE é valioso, pois, segundo Bispo (2005), o bibliotecário atua como mediador das informações, pois é habilitado para atender os usuários e suas necessidades de informação, além de assumir o papel de educador, atuando como elo entre alunos e professores.

## **APRESENTAÇÕES DE DADOS**

Nesta seção classificamos e identificamos os alunos participantes da pesquisa, analisamos a frequência dos alunos à Biblioteca da Escola, avaliamos a infraestrutura e o acervo da Biblioteca, o atendimento dispensado pelo profissional que atua em tal ambiente, a disponibilidade de material bibliográfico, as atividades desenvolvidas dentro desse espaço e o comportamento do usuário perante BE.

## **O USO DA BIBLIOTECA PELOS ALUNOS DA ESCOLA**

Trabalhamos com um total de 28 alunos entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo sete de cada ano. Os alunos foram selecionados levando em conta sua frequência escolar. Os dados foram coletados através de questionário, formulado com 15 questões, 3 abertas e 12 fechadas. Assim, foi possível identificar, apontar e avaliar como os alunos utilizam os serviços da biblioteca.

A BE funciona das 08h00min às 17h00min de segunda a sexta-feira, a profissional responsável pela organização e atendimento dos usuários é uma professora remanejada. A biblioteca conta com um acervo de 1.500 livros, sendo na maioria, livros didáticos. Apenas 10% dos alunos costumam fazer empréstimo de livros e apenas 2% para leitura recreativa. Identificamos que 70% dos usuários são meninas e que 100% dos professores utilizam a Biblioteca para desenvolver ati-

vidades com as turmas. Porém, apenas para trabalhos de pesquisa da sua própria disciplina, não há projetos que integram todas as disciplinas.

A frequência dos alunos foi uma das questões levantadas. Identificamos que apenas 35% dos entrevistados utilizam a BE, mais de 92% só frequenta a biblioteca quando há atividades programadas pelos professores. Os alunos relatam que as atividades programadas pelos professores acontecem uma vez por mês, ou quando há a necessidade de desenvolver alguma pesquisa para trabalhos. Muitos reclamaram sobre a estrutura física, pois a biblioteca é pequena e pouco arejada, além da dificuldade para achar o material que procuram.

Por meio da funcionária que atende na BE, foi possível identificar o aumento da frequência e dos serviços utilizados. Em 2018 menos de 60% dos usuários frequentaram a BE para pesquisas e empréstimos, esses dados chamaram a atenção da equipe pedagógica. Esses dados mostram que muitos alunos não frequentavam a biblioteca por falta de incentivo dos professores e, principalmente, devido a precariedade dos serviços oferecidos neste espaço. Assim, é necessária a integração desse espaço com os planejamentos.

Diante dessa realidade foram cobradas, dos professores e da profissional responsável pela BE mais atividades envolvendo pesquisas e leituras, com planejamentos integrando a sala de aula e a biblioteca, além de projetos de literatura. O resultado foi satisfatório em 2019. Mais de 90% dos alunos utilizaram a BE para pesquisas e empréstimos de livros, além de atividades desenvolvidas pelos professores. Já em 2020 apenas 67% dos alunos utilizaram os serviços da biblioteca, porém os serviços se resumiam apenas em atividades planejadas pelos professores. Apenas 30% dos alunos procuraram a Biblioteca para empréstimos de livros de literatura. O número de pesquisas e empréstimos caiu substancialmente. A funcionária que atende na biblioteca relata que depois da Pandemia de Covid poucos procuraram os serviços da biblioteca.

Penalosa (1961) relata a importância da presença do aluno na biblioteca para seu desenvolvimento intelectual. É indispensável à utilização desse espaço

para o desenvolvimento de atividades e pesquisas escolares. E o professor, juntamente com o bibliotecário, incentive o aluno a buscar por novas informações.

Questionamos aos alunos/usuários para qual finalidade utilizam a BE e se o acervo da mesma atendia as suas necessidades. A grande maioria, 96%, relatou que utilizam a biblioteca para trabalhos escolares, sendo que 85% dos alunos só procuram a biblioteca para pesquisas quando os professores desenvolvem atividades e trabalhos na biblioteca. Apenas 7% costumam fazer empréstimo de livros para leitura.

Os usuários/alunos classificam o acervo da biblioteca como bom, porém 64% afirmam que não há diversidade de livros, que na maioria são livros didáticos, não atraem os usuários. A falta de computadores e de acesso à internet também é outro ponto crítico, pois os usuários afirmam que se houvessem esses recursos as pesquisas seriam mais eficientes. Alguns usuários citam que os livros de literatura são sempre os mesmos e não há muitos. Pieruccini (2012, p. 7), relata em artigo para Revista Educação que:

É no ensino fundamental que a falta de bibliotecas encontra uma realidade mais dramática: apenas 30% das escolas públicas oferecem o equipamento nessa etapa de ensino, e 43% dos alunos estudam sem ela. Na escola privada elas também fazem falta: 28% das escolas não oferecem esse equipamento e 18% dos alunos estudam sem ele. Em âmbito nacional, as escolas municipais são as mais deficitárias – só 22% contam com acervos organizados.

Segundo Silva (1986), a biblioteca deve ser um espaço de estímulo à leitura e de busca de informação e que sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, este será um instrumento vago e incerto.

Vemos que são necessários estímulos para que os alunos frequentem o espaço da BE. Segundo Côrte e Bandeira (2011) o ambiente da BE deve ser agradável para que os usuários se sintam estimulados a frequentar o espaço rotineiramente, para pesquisas ou para leituras de entretenimento. Por isso a necessidade de uma boa infraestrutura, recursos e um profissional habilitado para receber e

orientar os usuários como utilizar a BE da melhor forma.

Segundo Fontelles (2012), para que a biblioteca faz sentido, é importante que seja entendida e projetada como um local para despertar prazer. O acesso aos livros não basta, é importante dar liberdade para que os alunos escolham títulos de seu interesse.

Esses relatos mostram porque a BE não vem colaborando com o processo de aprendizagem, como deveria ser. Nery (et al., 1989, p. 14) cita que quando a BE não possui um profissional habilitado, ou seja, um bibliotecário, e que não atende as necessidades do currículo escolar, os prejuízos são para todos os interessados:

[...] o professor, que perde um grande aliado em termos de apoio técnico pedagógico; o bibliotecário ou responsável que vê seus esforços se perderem no vácuo das “impossibilidades” e, principalmente, os alunos que deixam de ter um grande instrumento de auxílio nas tarefas escolares e enriquecimento cultural na ampliação de seus horizontes e na formação de uma visão crítica.

Durante a pesquisa notamos que o problema não compete apenas à biblioteca, ao profissional, ou à escola, mas também a falta de interesse dos alunos pela leitura e pela pesquisa. Mais de 90% dos alunos confirmam que não gostam de ler e que preferem as informações da internet, pois tudo já vem praticamente pronto.

Esse ponto nos despertou um alerta. Vemos que os alunos, não fazem pesquisas, mas procuram respostas prontas, apenas um copia e cola. Essa prática é comumente aplicada pelos alunos em trabalhos ou atividades escolares. A maioria não mostra qualquer interesse em realizar pesquisas, leituras de materiais diversos. E dizem que os professores também não incentivam leitura de livros de literatura ou para recreação. Um aluno do 9º ano relata na entrevista:

Depois que passamos para o 7º, 8º, 9º ano, os professores nem falam mais pra gente pegar livros de literatura pra ler em casa, só pra distrair. Parece que só podemos ler coisas de escola. Os trabalhos, a gente encontra prontinho na internet. Os livros da biblioteca são to-

dos iguais, nem dá vontade de ir lá pra pegar emprestado. Só vamos à biblioteca porque somos obrigados. Nada lá é legal<sup>1</sup>.

Grande parte dos alunos não utiliza a biblioteca por vontade própria. Não há projetos na escola que estimulem a leitura, principalmente para alunos do Ensino Fundamental II. Os professores quando levam os alunos para a biblioteca é sempre para trabalhos de pesquisa, sem critérios para pesquisas em livros, revistas, mídias. Apenas são direcionados para responderem as questões aplicadas. Não há uma orientação para o desenvolvimento das atividades.

Parte dos alunos relata que os professores programam atividades na biblioteca pelo menos uma vez por mês, são trabalhos de pesquisa. A reclamação dos alunos é que não há um direcionamento, os professores ou o profissional da biblioteca não costumam indicar livros e quando fazem, há poucos livros para consulta. A biblioteca também não tem computadores ou internet, além de ser um espaço pequeno e pouco confortável. Essas pontuações dos usuários/alunos mostram como os serviços da BE são precários e há a necessidade de planejamentos direcionados às atividades desenvolvidas no espaço da biblioteca.

Para Silveira (1996), a BE é o espaço que deve incentivar e desenvolver o hábito da leitura. O autor lembra que, geralmente, quem tem mais desejo por aprender e saber o que há nos livros, é as crianças. E a escola, assim como a biblioteca, devem oferecer atividades que estimulem a leitura, através de uma seleção de documentos que sejam de interesse dos usuários, de um espaço confortável e organizado.

Num contexto geral, através da pesquisa aplicada com os alunos, constatamos o quanto a BE é um espaço esquecido, pouco interessante e o quanto a falta de estrutura, de um profissional habilitado, de acervo adequado desestimulam a frequência, o gosto pela leitura e pela pesquisa. E como essas carências refletem no processo de ensino aprendizagem.

---

*1 Entrevista concedida a autora em janeiro de 2021.*

A BE é um fator importante para desenvolvimento do sistema educacional, tem a finalidade de reunir e difundir os fatos culturais. É necessário que este espaço tenha investimentos para sua manutenção, garantindo à toda a comunidade escolar acesso à informação e cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa denota da necessidade de buscar soluções para um melhor aproveitamento dos serviços da BE. Sabemos que este é um espaço que deve estar integrado ao processo de ensino aprendizagem, fornecendo materiais para todos os assuntos e interesses, e incentivando o hábito da leitura.

Diante dos estudos e pesquisa identificamos que há vários problemas para um funcionamento satisfatório da BE. O espaço físico não é adequado, os profissionais que fazem o atendimento não são habilitados, o acervo é pobre e faltam materiais adequados para atender aos usuários de toda a comunidade escolar.

Através da pesquisa de campo foi possível identificar como os usuários utilizam os serviços da Biblioteca, de que forma contribuem no processo de ensino aprendizagem. Além de apontar o perfil do usuário, sua visão diante dos serviços e expectativas diante da BE. Diante desses dados fica evidente que há problemas e que eles são comuns, não só na Escola estudada, mas na maioria das instituições de ensino público. Porém as ações para a resoluções dos pontos estudados, são simples e possíveis.

A falta de interesse pela leitura é algo comum entre os alunos. Constatamos, através da pesquisa de campo, que esse fato se dá pela falta de incentivo por parte da família, a falta de projetos e planejamentos pedagógicos direcionados a leitura, e devido ao acervo e serviços oferecidos na BE. Esses pontos são corroborados pela escassez de recursos para a escola adquirir livros que sejam de interesse dos alunos. É importante ressaltar que livros didáticos não é acervo da biblioteca, pois os mesmos são de uso dos alunos em sala de aula.



A comunidade na qual a escola está inserida é carente, tanto no sentido econômico quanto cultural. Os integrantes das famílias dos alunos também não têm o hábito da leitura, não há incentivos. A única biblioteca pública está localizada no centro de São Mateus e as Bibliotecas Escolares não estão abertas para atender a comunidade. É importante que se crie ações que envolvam a comunidade e as famílias dos alunos, que proporcione a todos o acesso à leitura e cultura.

Se faz necessário a transformação da biblioteca, como um espaço de segura formação de leitores e intensa e sistemática estruturação de pesquisadores. A BE deve ser um espaço dinâmico e que interaja com o processo educacional, com materiais de boa qualidade, com o objetivo de proporcionar aos usuários oportunidades de enriquecimento cultural, social, intelectual e de lazer através de leituras informativas e recreativas.

A equipe pedagógica deve integrar a BE nos planejamentos, com a finalidade de utilizar o espaço e os seus serviços para a colaboração do desenvolvimento do processo educacional. Porém é importante que este espaço também se mostre adequado para atender os usuários.

O personagem central da escola é o professor, assim como o bibliotecário é na BE. Estes profissionais contribuem para o avanço educacional. As declarações da IFLA (2000) evidenciam que quando professores e bibliotecários trabalham em conjunto os alunos atingem níveis mais elevados de leitura e aprendizagem.

Muitos especialistas comprovam que a biblioteca possui significativa participação no processo de avaliação da rede pública de ensino, pois, pode dar suporte às atividades dos professores bem como, promover o conhecimento aos alunos e toda a comunidade educacional, tornando-a um espaço alegre e bem atraente a todos.

Conclui-se que o espaço da BE é um recurso importante e indispensável na formação de cidadãos leitores e pesquisadores, sejam eles educandos ou educadores. Por isso a necessidade de transformar o espaço da biblioteca em um local adequado e atrativo para os usuários. Sabemos que a BE é uma aliada no processo de ensino aprendizagem, prestando auxílio nas atividades escolares, na formação de cidadãos críticos e no enriquecimento cultural.

## REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V. de; PAPA, F. de C. (Org.). **Políticas públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Frederich Ebert, 2006.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. 200 anos da primeira biblioteca pública do Brasil: considerações históricas-biblioteconômicas acerca dessa efemeridade. **Perspectivas em Ciências da Informação**. v.17, n. 2, p. 2-25, abr./jun. 2012.

BANDEIRA, 2011 Lima (1994) BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS: a construção de sentido de seu edifício. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 12 n.1 2002, 2002.

BRASIL. LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1961. Disponível em: Acesso em: 23 nov. de 2021.

BRASIL. LEI No 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: Acesso em: 23 nov. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 10.172, DE 9 DE JANEIRO DE 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, 2001. Acesso em: 23 nov. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 12.244, DE 24 DE MAIO DE 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, 2010. Acesso em: 23 nov. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1997. 10 v.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

CAMPELLO, B. et al. Aprendizagem pela pesquisa: busca e uso de informações na produção de conhecimento. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 11., 2010, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2010.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar como espaço da produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: GEBE/UFMG, 2010.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; PACAGNELLA, Juliana Nascimento. Biblioteca escolar pública, bibliotecário. In: CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lúcilía Maria Souza (Org.). **Dizeres sobre a biblioteca escolar**: palavras em movimento. Ribeirão Preto, 2011, p. 97-108.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica**, Cruz Alta: Editora Ijuí, 2001.

CURY, C. R. J. O Conselho Nacional de Educação e a Gestão Democrática. In: CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. **“Gestão Democrática” da Escola Pública: Um Movimento de “Abertura” da Escola à Participação da Comunidade?** Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM. Disponível em: 1999.[http://izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1146](http://izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1146). Acesso em: 23 nov. de 2020

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010. Disponível em: Acesso em: 10 dez. 2020.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

**R. Esc. Biblioteconomia** da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 60-72, 1973.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.16, n.2, p. 489-517, jul./dez., 2011.

SILVA, W. C. **Miséria da biblioteca escolar**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. Disponível em: < <http://www.discurso.ufrgs.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

VÁLIO, Else Benetti Marques. **Biblioteca escolar**: uma visão histórica. Transinformação, Campinas, v.2, n.1, p.15-24, abr.1990. Disponível em: 62 < [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio\\_esc.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf) >. Acesso em: 17 mar. 2020.